

Charge e Política: Análise Discursiva e Construção de Sentidos
Charge and Politics: Discursive Analysis and Construction of Meaning

Alceane Bezerra Feitosa¹

Júlia Maria Muniz Andrade²

Karla Dayane Silva Monteiro³

Universidade Federal do Piauí

Resumo: Este trabalho tem, como objetivo principal, analisar discursivamente a presença da ideologia em três charges que fazem referência aos protestos dos vinte centavos que ocorreram no Brasil em 2013. Para tal intento, utilizou-se os conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, principalmente no tocante à ideologia e sua formação ideológica e discursiva. Dentre os principais autores que subsidiaram as discussões, destacam-se Orlandi (1999), Mussalim e Bentes (2003), Brandão (2004), Mendes e Silva (2005), Fiorin (2008), dentre outros. Diante das análises, constatou-se a presença de diversas ideologias para a construção de sentido nos textos, as quais pode-se citar: a busca por um país sem corrupção, bem como críticas feitas ao governo pela falta de investimentos em saúde e educação, dois dos pilares de qualquer nação desenvolvida. Dessa forma, diante de tais ideologias, observa-se a formação ideológica, visto que marcam as atitudes e as representações que nem são individuais nem universais, mas que relaciona diretamente a oposição em relação a um dado fato; bem como a formação discursiva, uma vez que se verifica que as ideias presentes nas charges são construídas, a priori, anteriormente e exteriormente ao momento de produção do texto.

Palavras-Chave: Análise do Discurso. Charge. Texto. Ideologia.

Abstract: This paper aims at analyzing discursively the presence of ideology in three cartoons that make reference to the protests regarding the twenty cents that occurred in Brazil in 2013. For such an attempt, the concepts of Discourse Analysis of French line, mainly in relation to ideology and its ideological and discursive formation. Among the main authors who have contributed to this discussion are Orlandi (1999), Mussalim and Bentes (2003), Brandão (2004), Mendes e Silva (2005) and Fiorin (2008). In the face of the analysis, there are several ideologies for the construction of meaning in the texts, such as the search for a country without corruption, as well as criticisms of the government for the lack of investments in health and education, two of the pillars of any developed nation. Thus, in view of these ideologies, one observes the ideological formation, since they mark attitudes and representations that are neither individual nor universal, but that directly relates the opposition to a given fact; as well as the discursive formation, since it is verified that the ideas present in the charges are constructed a priori, before and outside the moment of production of the text.

Key-Words: Discourse Analysis, Charge, Text, Ideology.

¹ Possui graduação em Letras/português (2014) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual do Piauí (2016); Mestrado em Letras - Área de Concentração em Estudos de Linguagem (2018) pela Universidade Federal do Piauí. Email: alceano_bezerra2@hotmail.com

² Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí-PPGL-UFPI. Atualmente desenvolve pesquisa na área do Letramento Matemático. Email: juliam_andrade@hotmail.com

³ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí-PPGL-UFPI. Pesquisadora na área de Linguística do Texto/discurso, atuando em temas concernentes à Leitura e a Escrita. Email: karladayanemonteiro@gmail.com

Submetido em 17 de abril de 2019.

Aprovado em 15 de novembro de 2019.

Introdução

O presente trabalho objetiva analisar três charges que fazem referência aos protestos ocorridos no Brasil em 2013, com o intuito de analisar as ideologias presentes para a construção de sentidos. Os textos foram analisados à luz da Análise do Discurso de vertente francesa, que, por sua vez, apresenta uma estrita relação com a história do período ao qual está veiculada.

Para isso, é necessário compreender que o objeto da Análise do Discurso é a “língua funcionando para a produção de sentidos” (ORLANDI, 1999, p. 17). Isso permite analisar unidades linguísticas além da frase, ou seja, o texto. Diante disso, para a compreensão das três charges que serão analisadas, deve-se ter consciência de que a Análise do Discurso concebe a linguagem não só em relação ao seu aspecto gramatical, mas também em relação aos aspectos ideológicos e sociais.

Este trabalho apresenta-se estruturado em três seções, além desta introdução. No primeiro, intitulado *Considerações sobre o gênero textual charge*, faz-se uma abordagem a respeito do gênero textual/discursivo charge, com o intuito de apresentar as principais características e finalidades do gênero.

Logo em seguida, no segundo tópico, cujo título é *Análise do Discurso: história e campo de estudo*, buscou-se fazer uma abordagem da disciplina, destacando seu surgimento, bem como seu campo de estudos, apresentando, ainda, o conceito de ideologia, o qual pode ser compreendido como uma condição necessária para a constituição dos sujeitos, bem como para a construção dos sentidos. Além disso, nesse mesmo tópico, abre-se um subtópico para abordar a materialização da ideologia, a saber: formação ideológica e formação discursiva.

Por fim, instrumentalizados teoricamente, passa-se a análise dos textos selecionados para o estudo, observando as ideologias presentes para a construção de sentidos. Os textos aqui analisados foram coletados do site da UOL entretenimento durante o período de acontecimento do movimento, em 2013.

1. Considerações sobre o gênero textual charge

A todo o momento deparamo-nos com uma grande diversidade de textos, mas por razões diversas não nos atemos para uma análise mais detalhada no que concerne à significação. Dentre essa diversidade de textos, encontra-se o gênero textual charge, que compõe o quadro de um dos gêneros textuais que circulam em nosso meio diariamente. Tal gênero textual pode envolver um ou mais personagens. A palavra “*charge*” é de origem francesa e significa “carga”, ou seja, exagera traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo burlesco.

A charge é, pois, um gênero textual que tem por finalidade satirizar, por meio do caricatural, algum acontecimento político social que esteja ocorrendo no momento. A respeito dessa característica, Romualdo (2000) destaca que esse gênero se alimenta constantemente da novidade, portanto, dos acontecimentos sociais, sendo considerada uma narrativa efêmera.

Esse mesmo autor destaca, ainda, que, nesse tipo de texto, há um jogo de vozes que se contrastam para criticar um fato momentâneo, bem como provocar o riso. Na concepção de Romualdo (2000, p.50) na maioria das vezes, na construção da charge, o autor informa e opina sobre um determinado tema, muitas vezes parafraseando-o por meio de uma representação de um mundo que o autor chama “às avessas”, oferecendo ao leitor uma visão crítica da realidade.

Miranda e Pinto (2013) evidenciam, diante disso, que, para a compreensão de uma charge, faz-se necessário que:

Se conheça o assunto retratado e o contexto em que está inserida, já que o sentido e a função da imagem para a comunicação variam de acordo com os contextos históricos, geográficos, culturais e sociais para sua compreensão (MIRANDA E PINTO, 2013, p. 13).

Assim, de acordo com as estudiosas, a charge é compreendida pelo seu caráter temporal. Diante disso, Miani (2005) entende que, para a compreensão de uma charge, o leitor precisa acionar conhecimentos de outras áreas.

Apesar de ser confundido com “cartoon (ou cartum)”, que é uma palavra de origem inglesa, ao contrário da charge, que sempre é uma crítica contundente ligada à temporalidade, o cartoon retrata situações mais corriqueiras do dia a dia da sociedade. Embora isso, Fonseca (1999) afirma que os dois gêneros apesar de apresentarem

diferenças não são em sua totalidade excludentes. No tocante à diferença entre os dois gêneros, Miranda e Pinto (2013) entendem o cartoon como uma crítica mordaz, irônica, satírica e humorística do comportamento humano, de seus hábitos e costumes; enquanto a charge discute questões sociais e políticas, observando os recursos linguísticos, discursivos e gráfico-visuais.

Pode-se, pois, diante disso, entender a charge como sendo mais que um simples desenho, a charge é, no entanto, uma crítica político-social, em que o artista expressa graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas através do humor e da sátira.

O discurso chargístico recorre a várias estratégias discursivas para produzir os efeitos cômicos e reflexivos. Na maioria dos casos, apenas algumas técnicas são empregadas em uma mesma produção, mas certos elementos mostram-se frequentes ou mesmo essenciais e, por vezes, aparecem juntos.

As estratégias linguístico-discursivas mencionadas acima são a linguagem visual, que serve para proporcionar maior compreensão da crítica que o chargista pretende transmitir; a ruptura discursiva, que é a ruptura do discurso construído e está associada à quebra da lógica do texto, ou seja, o leitor espera que o fato termine de uma determinada maneira (que já era esperada), acontecendo de outra, criando assim, a comicidade; a polifonia, caracterizada por discursos que dialogam para produzir o sentido que o autor pretende passar aos leitores.

Além dessas, ocorre também a intertextualidade quando o discurso chargístico está associado a outros textos e a acontecimentos que o contextualizam com determinada situação da sociedade. Muitas vezes essa intertextualidade é feita de forma implícita, o que vai exigir do leitor um conhecimento prévio para que se possa compreender a charge.

2. Análise do Discurso: história e campo de estudo

A obra “*A análise do discurso*”, de Zellig Harris, que ficou conhecida como o modelo Harrisiano, publicada em 1952, é considerada o marco inicial da disciplina. Nesse estudo, o autor diz que os enunciados devem ser vistos em um plano superior à frase, ou seja, deve ser analisado além da frase, não somente em seus aspectos gramaticais.

Dentro dessa ideia, Brandão (2004) afirma que embora esse trabalho de Harris possa ser considerado o marco inicial da Análise do Discurso, ele se coloca ainda como simples extensão da linguística imanente, isso porque, segundo a autora:

transfere e aplica procedimentos de análise de unidades da língua aos enunciados e situa-se fora de qualquer reflexão sobre significação e as considerações sócio históricas de produção que vão distinguir e marcar posteriormente a análise do discurso (BRANDÃO, 2004, p. 13).

Com isso, Brandão nos aponta a ideia de que, apesar do estudo de Harris, em seu livro “A Análise do Discurso”, já prenunciar ideias de que o texto deve ser visto não só pelo aspecto gramatical, mas sim, por uma reflexão sobre a significação e sobre os aspectos sócio-históricos em que são produzidos os discursos, o seu método ainda não pode ser considerado a teoria da Análise do Discurso propriamente dita.

Para Orlandi (1999), o discurso carrega a ideia de percurso, de correr por, de movimento. De acordo com a mesma estudiosa, objeto da Análise do Discurso é o discurso em movimento, portanto, “língua funcionando para a produção de sentidos” (ORLANDI, 1999, p. 17). Isto permite, portanto, “analisar unidades além da frase, ou seja, o texto” (Orlandi, 1999, p.17).

Desse modo, pode-se compreender a Análise do Discurso como uma disciplina que considera a linguagem como algo não transparente, que busca detectar num texto o que de fato ele significa. Assim, por meio do discurso “pretende-se apreender a prática da linguagem, ou seja, o homem falando, além de procurar compreender a língua enquanto trabalho simbólico que faz e dá sentido, constitui o homem e sua história” (MENDES E SILVA, 2005, p. 16).

Ainda para Mendes e Silva (2005):

Por meio da linguagem, o homem transforma a realidade em que vive e a si mesmo. O homem constrói a existência humana, ou seja, confere-lhe sentido. E é essa capacidade do homem de atribuir, incessantemente, sentidos que promove seu constante devir, e o das coisas, que interessa à Análise do Discurso (MENDES E SILVA, 2005, p. 16).

Para a Análise do Discurso, a linguagem possui a capacidade de transformar a realidade em que os sujeitos estão inseridos, bem como a própria realidade do sujeito. Sendo, portanto, essas capacidades o objeto de estudo da Análise do Discurso

Diante desse pressuposto, Mendes e Silva (2005) destacam que:

A Análise do Discurso leva em conta o homem e a língua em suas concretudes, não enquanto sistemas abstratos. Ou seja, considera os processos e as condições por meio dos quais se produz a linguagem. Assim fazendo, insere o homem e a linguagem à sua exterioridade, à sua historicidade (MENDES E SILVA, 2005, p. 16).

Já o filósofo Michel Pêcheux (1997) concebe que o estudo do discurso seja uma passagem natural da Lexicologia, que é o estudo da palavra, para uma Análise do Discurso. Diante disso, Mussalim afirma que “a instituição da AD, para Pêcheux, exige uma ruptura epistemológica, que coloca o estudo do discurso num outro terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito” (MUSSALIM E BENTES, 2003, p.105).

No tocante ao surgimento e desenvolvimento da Análise do Discurso, Orlandi (1999) evidencia que a disciplina se apresentava de forma não sistemática em diferentes épocas. Sem levar em consideração os estudos realizados na Antiguidade, Orlandi (1999) cita que, no século XIX, os estudos de M. Bréal. Já no século XX, a autora destaca os estudos dos formalistas russos.

Para Brandão (2004), os anos 50 do século passado configuram-se como decisivos para a construção da disciplina, uma vez que diversos estudiosos colocam a obra de Z. Harris, com seu método distribucional, como marco inicial da disciplina. Além disso, Brandão colocava que a obra de Z. Harris “consegue livrar a análise do texto do viés conteudista” (Brandão, 2004, p.15). No entanto, para Brandão (2004, p. 15) a obra de Z. Harris ao estender procedimentos da linguística aos enunciados (discursos) acaba “por torna-se limitada à Análise do Discurso porque não foi capaz de refletir sobre a significação e as considerações socio-históricas” (BRANDÃO, 2004, p.15).

Sobre o surgimento da Análise do Discurso, Malidier (1994) destacam que:

Os anos 60 são os anos do estruturalismo triunfante. A lingüística, promovida à ciência piloto, está no centro do dispositivo das ciências [...]. O projeto da AD nasce neste contexto [...] o liame entre a expansão da lingüística e a possibilidade de uma disciplina (nova) como a análise de discurso é explícita (MALDIDIER, 1994, p.175).

Pode-se entender, pois, o surgimento da Análise do Discurso como disciplina quando ela é promovida à ciência piloto, ou seja, encontra-se no centro dos estudos em

relação às demais ciências humanas. A respeito do surgimento da Análise do Discurso, essa disciplina surge e se desenvolve à luz do Maxismo, um período de grande crescimento da linguística. Diante desse entendimento, a Análise do Discurso, segundo Mendes e Silva (2005):

Ao extrapolar o domínio da Linguística, ou seja, ao recorrer a conceitos exteriores à Linguística, a Análise do Discurso provoca um deslocamento teórico que exigirá filiações a outras correntes teóricas. Desta forma, surge nos anos 60, tendo como base a interdisciplinaridade entre três domínios disciplinares: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, apesar de a todo instante deslocar, ou seja, questionar tais saberes (MENDES E SILVA, 2005, p. 15).

Com a ideia de que a AD nasce sob a luz do Marxismo, ela se inscreve com um objetivo político e a linguística oferece os meios para abordar os aspectos políticos do Marxismo. É foi nesse contexto que a Análise do Discurso, utilizou-se do conceito de ideologia trazido pelo Marxismo, pautado nos pensamentos de Marx e Engels (MENDES E SILVA, 2005, p. 16).

Brandão (2004), ao abordar o surgimento do termo ideologia, cita Chauí, que compreende que o termo ideologia foi criado:

Pelo filósofo Destutt de Tracy, em 1810, na obra *Elements de Idéologie*, nasceu como sinônimo da atividade científica que procurava analisar a faculdade de pensar, tratando as idéias como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente (BRANDÃO, 2004, p. 19).

Ao definir ideologia pelo viés da Análise do Discurso, Orlandi (1999, p. 46) diz que a ideologia “é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 1999, p.46), visto que, para a autora, na medida em que o homem diante de qualquer objeto simbólico é levado a interpretar, a buscar o sentido das palavras e das coisas. Assim considerada, “a ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo” (ORLANDI, 1999, p.47).

Outro estudioso que relaciona a ideologia à linguagem é Hall (1996), o qual entende a mesma como estruturas mentais, ou seja:

As linguagens, os conceitos, as categorias, imagens do pensamento e os sistemas de representação que diferentes classes e grupos sociais desenvolvem com o propósito de dar sentido, definir, simbolizar e

imprimir inteligibilidade ao modo como a sociedade funciona (HALL, 2000, p.26).

Santos (2009) observa que diante da definição de Hall, observa-se a presença do pensamento althusseriano, quando se compreende a ideologia como sistema de representação.

Na concepção de Pêcheux, a relevância dada à ideologia, dentro da Análise do Discurso, passa-se a deixar de lado os aspectos gramaticais do texto. Dentro dessa perspectiva, Fiorin (2008) nos diz que a ideologia pode ser entendida como uma formação ideológica e deve ser entendida com uma visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo.

Pode-se, portanto, entender a ideologia como uma representação, sendo que essa representação não tem a ver com a consciência do sujeito. A ideologia, dentro da perspectiva de Fiorin, é compreendida como a visão que cada indivíduo ou classe social tem do mundo.

2.1 Materialização da ideologia: formação ideológica e formação discursiva

Por meio da relação discurso e ideologia, surgem dois conceitos caros à Análise do Discurso, a saber: formação ideológica e formação discursiva.

A formação ideológica, para Pêcheux (citado por Brandão, 2004 p. 37), é “a região do materialismo histórico que interessa a uma teoria do discurso é a da superestrutura ideológica ligada ao modo de produção dominante na formação social considerada.” Diante disso, compreende-se que a formação ideológica está ligada ao funcionamento, ou decorrência da instância econômica.

Essa instância econômica de que fala Pêcheux, para Mendes e Silva (2005) ocorre por meio da:

Interpelação do indivíduo como sujeito ideológico, interpelação que faz com que o mesmo, sem perceber, ocupe um lugar – o seu – em uma das classes sociais. Essas últimas, por seu turno, mantêm relações que são reproduzidas continuamente e garantidas materialmente pelos aparelhos ideológicos do Estado, assim como propostos por Althusser. Tais relações de classes se organizam de modo a estabelecerem ora relações de aliança ou de antagonismos, ora de dominação. Dessa

organização de posições políticas e ideológicas resultam as formações ideológicas (MENDES E SILVA, 2005, p. 27).

No entanto, Brandão (2004) afirma que a formação ideológica diz respeito ao elemento capaz de intervir significativamente numa determinada formação social. Portanto, cada formação ideológica constitui, assim, um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relações às outras”. (BRANDÃO, 2004, p. 38).

Diante desses pressupostos, Mendes e Silva (2005, p. 27) afirma que “são as formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito em uma dada conjuntura, de acordo com a posição e formação ideológica da qual pertence”.

Já a formação discursiva, inicialmente, foi concebida por Foucault (1997) como as condições tanto históricas quanto discursivas nas quais se constituem os sistemas de saber (MENDES E SILVA, 2005). Posteriormente, dentro da Análise do Discurso, Pêcheux (1997), compreende a formação discursiva como sendo o espaço no qual se dá a articulação entre a linguagem e o discurso.

A formação discursiva, de acordo com Brandão (2004) funciona por meio de dois mecanismos, quais sejam: a paráfrase e o pré-construído. A paráfrase é o “espaço em que enunciados são retomados e reformulados num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade” (MENDES E SILVA, 2005, p. 27).

A ideia de pré-construído, mantém, de acordo com Pêcheux (1997), uma relação entre as teorias do discurso e a linguística. Além disso, na visão de Brandão (2004), o pré-construído significa aquilo que é construído anteriormente e exteriormente ao momento do discurso.

Portanto, o pré-construído remete:

A interpelação ideológica, visto que garante o que cada um conhece, pode ver ou compreender e que determina também o que pode ser dito. Assim, o pré-construído é assimilado pelo enunciador no processo de seu assujeitamento ideológico, no momento em que se realiza a sua identificação, enquanto sujeito enunciador, com o sujeito universal da formação discursiva (MENDES E SILVA, 2005, p. 27).

Dessa maneira, o pré-construído significa a falsa ilusão que o falante tem de ser a fonte do seu discurso. A formação discursiva é a reguladora dos discursos dos sujeitos,

dentro de um contexto histórico. Para, além disso, Mendes e Silva (2005) entendem que formação discursiva não está fechada em si mesma; pelo contrário, “seus limites são fluidos e se inscrevem entre diversas formações discursivas, permitindo que a contradição lhe seja/esteja inerente (MENDES E SILVA, 2005, p. 27).

3. Análise dos dados

Para compreendermos as ideologias presentes nas charges para a construção de sentido, as quais ridicularizam nossos representantes políticos diante dos protestos vale lembrar, a princípio, que o país enfrentava vários problemas, os quais incomodavam e, ainda incomodam a população brasileira, quais sejam: o sistema público de saúde de péssima qualidade, a educação precária, se comparada a outros países do mundo.

Nesta primeira charge, verifica-se uma crítica à indiferença diante das reivindicações populares:

Texto 1:



Fonte: <http://entretenimento.uol.com.br/album/2013/06/21/protestos-no-brasil-sao-retratados>.

Na charge acima, observamos a presidenta Dilma Rousseff em uma consulta com um Otorrinolaringologista, que é o profissional responsável por cuidar de problemas de ouvido, nariz e garganta. Na imagem, é possível perceber o médico analisando o

“*problema de audição*” da, então, presidenta do país na época diante das reivindicações populares, o que gera ironia na charge.

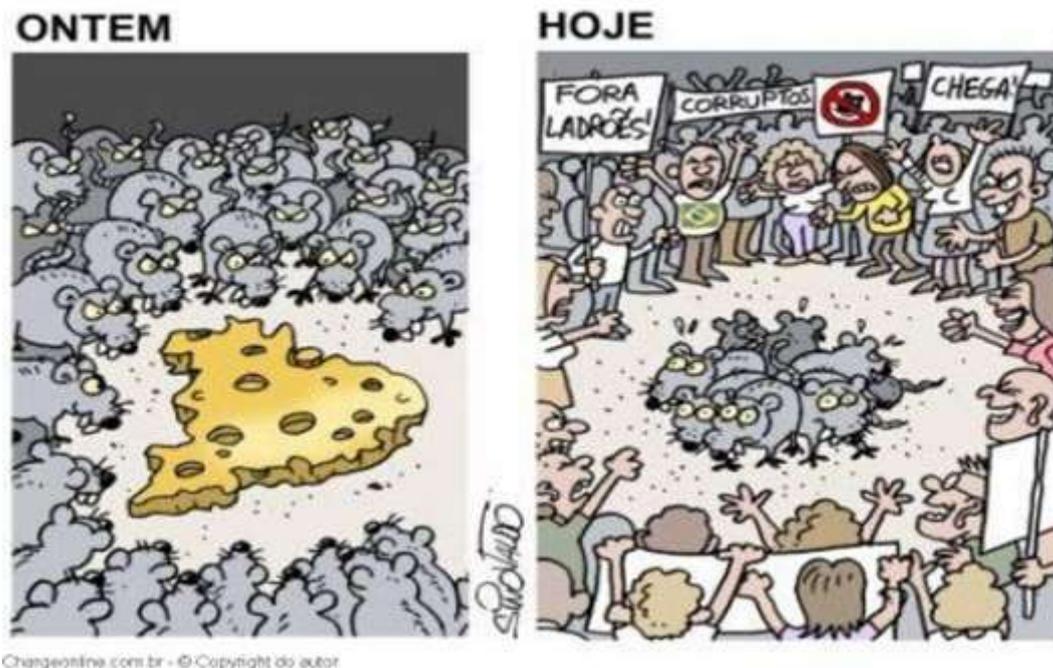
Percebemos na referida charge a oposição do discurso no momento em que se diz algo quando na verdade se faz outra completamente diferente. Dentro dessa ideia, há ironia quando a presidenta diz que ouve claramente a voz do povo que clama por várias mudanças no cenário político brasileiro. A oposição de que falamos anteriormente está na ideia da presidenta dizer que escuta, no entanto, tem-se a presença das interrogações como, por exemplo, *hein? O quê?*, quando o otorrino a questiona sobre o que ela escuta, de fato, diante dos protestos, ou seja, das reivindicações populares, portanto, os discursos vindos das ruas.

O que a presidenta Dilma não escuta, pela análise, na verdade é voz da população brasileira por saúde, educação, bem como a oposição, de grande parte da população, a respeito da copa do mundo que ocorreria no Brasil no ano seguinte, em 2014.

Vê-se, pois, nessa charge a ironia construída através da oposição entre o dizer que se escuta claramente a voz das ruas e as interrogações *hein? O quê?*, as quais representam a falta de audição da, então, presidenta diante das reivindicações.

Na segunda, observa-se o contraste entre o ontem e o hoje, entre o antes e depois dos protestos.

Texto 2:



Fonte: <http://entretenimento.uol.com.br/album/2013/06/21/protestos-no-brasil-sao-retratados>.

Na charge acima se observa, que há uma relação de oposição entre o passado (ontem) e o presente (hoje). O ontem evidencia o momento antes das manifestações, e o hoje retrata o período dos protestos.

A charge nos leva à ironia e, principalmente, à crítica, uma vez que na primeira imagem, que simboliza o ontem (passado), o Brasil é “comido” por ratos, que no dicionário Aurélio possui a seguinte definição: “2. Ladrão e 3. Canalha”, sendo que o animal, rato, equivale à figura dos políticos brasileiros.

A ideologia presente na charge acima é a de luta por uma renovação no cenário político brasileiro e, principalmente, pelo fim da corrupção, como fica evidente pelas placas “fora ladrões”, “chega” e “corruptos”, na busca por um país mais “limpo”.

Na terceira percebe-se, novamente, os políticos sendo comparados a ratos, observemos:

Texto 3:



Fonte: <http://entretenimento.uol.com.br/album/2013/06/21/protestos-no-brasil-sao-retratados>.

Mais uma vez, a charge, é o gênero textual que representa fatos ocorridos numa determinada época, num dado contexto econômico, cultural e social, portanto, para entendê-la, faz-se necessário o conhecimento dos fatores que levaram à construção da mesma.

Para nos situarmos no contexto histórico da charge temos que entender a relação que se faz entre os ratos e os políticos brasileiros, bem como o significado do animal que, no dicionário Aurélio, tem também as acepções “*ladrão*” e “*canalha*”.

Uma das principais e mais fortes manifestações ocorreu na cidade de Brasília, capital federal, onde vários manifestantes tomaram o congresso nacional, pedindo pelo fim da corrupção.

Pela charge verificamos o fingimento dos ratos (políticos) diante das manifestações. Isso fica evidente pela pose e pelo enunciado que os ratos (políticos) proferiram, perguntando, por exemplo, se os manifestantes já tinham ido embora e, principalmente, pelo fingimento quando questionam por que, afinal, os manifestantes estavam protestando, como se não houvesse nada errado, quando, na verdade sabe-se que havia vários motivos para tal acontecimento.

Considerações finais

Diante das três charges analisadas neste trabalho, espera-se ter evidenciado o caráter de crítica aos nossos representantes políticos diante das reivindicações da população, apresentado na primeira charge e a busca por um país sem corrupção, no segundo texto, bem como o fingimento na terceira charge, lembrando que as três charges foram veiculadas durante as manifestações que ocorreram no país em 2013.

Constatamos, portanto, no gênero textual escolhido como objeto de análise deste trabalho, as ideologias presentes. Ideologias essas que refletem a busca por um país com menos corrupção, com mais saúde e educação para a população, sabendo que as ideologias podem ser entendidas como visões de mundo diante dos problemas pelos quais a sociedade brasileira vinha passando.

Por fim, espera-se ter ajudado a compreender a verdadeira ideia do movimento, não somente pela diminuição do preço das passagens dos transportes públicos, mas também pela melhoria de vários setores da sociedade brasileira, como foi evidenciado pelas análises das charges acima.

Referências

- BRANDÃO, Helena Nagamini. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FONSECA, Joaquim. *Caricatura: a Imagem Gráfica do Humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da Análise do discurso na França. In: ORLANDI, E.P. (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- MENDES E SILVA, Maria Alice Siqueira. Sobre a Análise do Discurso. *Revista de Psicologia da UNESP*, 4(1), 2005.
- MIANI, Rozinaldo Antônio. *As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista*. Assis: UNESP/SP. Tese de Doutorado em História, 2005.
- MIRANDA, Neusa de Fátima; PINTO, Vera Maria Ramos. *Formando leitores através dos gêneros textuais charges e cartum*. Secretaria de Estado da Educação – seed, 2013.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina Bentes. *Introdução à Linguística II*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem em seu Funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. O Discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2.ed. Campinas: Pontes, 1997.

ROMUALDO, Edson. Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo*. Maringá, PR: Eduem, 2000.

SANTOS, Raldianny Pereira dos. *Sujeito, discurso e ideologia: a constituição de identidades na cultura midiática*, 2009.